

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP

ISSN: 2526-7892

ARTIGO

VILÉM FLUSSER E A FILOSOFIA DA LITERATURA¹

Rachel Costa²

Resumo: Os diálogos entre Vilém Flusser e Guimarães Rosa na década de 1960 fizeram com que o primeiro partisse de sua ontologia para pensar a obra do segundo, visto que o filósofo compreendia a obra de Rosa como uma espécie de exemplificação de suas teorias. Assim, mostrarei como Flusser desenvolve sua ontologia, como pensa a literatura e como isso se dá na obra roseana.

Palavras chave: crítica de arte, poesia, ontologia

Abstract: The dialogues between Vilém Flusser and Guimarães Rosa in decade of 1960 made the first apply his ontology to think the work of the second, since the philosopher understood Rosa's work as a kind of exemplification of his theories. Thus, I will show how Flusser develops his ontology, how he thinks about literature and how it appears in Rosas's work.

Keywords: Art criticism, poetry, ontology

¹ Artigo recebido em: 12/04/2017 e aceito em: 20/06/2017

² É mestre e doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG pela linha de Estética e Filosofia da Arte, com a dissertação Imagem e Linguagem na Pós-história de Vilém Flusser e a tese Três questões sobre a arte contemporânea. Fez doutorado sandwich na Université Paris I - Pantheon-Sorbonne em Paris. E pós-doutorado no Braude College of Engineering em Israel, em arte e tecnologia. Foi professora de Filosofia da Arte na Escola Guignard-UEMG e de teoria e história da arte na EBA-UFMG. Atualmente é bolsista de PNPd do Programa de pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP e editora da Artefilosofia. Organizou livros e eventos, tem artigos publicados e trabalha como crítica e curadora independente. Endereço de email: rachelcosta@gmail.com

A literatura é uma “festa do espírito”³, afirma Vilém Flusser em um de seus *curricula*. Se entendermos festa do espírito como uma celebração que tem por motivo uma elaboração singular da capacidade humana, então a literatura é a capacidade de criar realidades por meio da língua. Essa associação começou a ser elaborada por Flusser sob a influência de James Joyce, Ezra Pound e T.S. Elliot. Alguns anos depois, com Kafka e Rilke, atingiu seu ápice. Porém, ela só amadureceu depois que conheceu Guimarães Rosa⁴. O impacto foi tão grande que a aproximação se encontra no fundamento filosófico que organiza seus textos.

A relação entre Rosa e sua obra compunha o diálogo com Flusser. Não era apenas uma relação entre dois sujeitos que conversam, “O Grande Sertão” e seu personagem principal, Riobaldo, funcionavam como uma espécie de *alter ego* de Rosa, visto que no âmbito do diálogo autor e personagem eram inseparáveis, ou melhor, a obra de Rosa e o escritor se confundiam⁵.

No entanto, não pode ser mera coincidência o fato de eu reconhecer em Guimarães Rosa todo o meu engajamento linguístico em nível grandioso. Sagarana e Corpo de Baile e, mais especialmente, Grande Sertão: Veredas são como que demonstrações *in fieri* das minhas teses em Língua e Realidade. O diálogo intermitente que mantive com Guimarães Rosa até a sua morte dava-se como que em terreno de sonho. Era preciso beliscar-me para saber que Guimarães Rosa não era ficção de minha fantasia e que ele existia em realidade diferente da de Riobaldo. A religiosidade linguística roseana, seu fanatismo do falar e do escrever, sua atitude lúdica no manejo de vogais e palavras, sua ironia e seu humor (veja-se Primeiras Estórias, sobre as quais nutro a esperança de ter tido influência mais que periférica), aliados à sua disciplina férrea, são, em seu conjunto, a imagem que eu fazia do Verdadeiro Poeta⁶.

A relação entre a literatura de Guimarães Rosa e a filosofia flusseriana se dá a partir da ontologia e da epistemologia do filósofo. No entanto, se o escritor e teórico da literatura Gustavo Bernardo estiver correto, ou seja, se a teoria da literatura é uma espécie de epistemologia, e se seu tema principal é suspeitar da tese que afirma a adequação entre palavra e coisa⁷, então, por meio da análise da obra roseana Flusser estabelece uma filosofia da literatura, visto que este também é o tema básico de sua filosofia. Articulando Wittgenstein e Husserl, Flusser propõe, ao mesmo tempo, uma ontologia não-substancialista e uma epistemologia fenomenológica.

Sua ontologia é não substancialista, pois pressupõe a criação linguística do mundo em detrimento de sua expressão. Nesse contexto, a língua é entendida como instrumento de intersubjetividade, como teia de códigos que dá origem ao pensamento. Logo, a literatura é um instrumento básico e necessário para sua

³ LADUSÃNS, Stanislau (org.). Rumos da filosofia atual no Brasil: em auto-retratos, p. 500

⁴ Flusser traduz do alemão o livro História do Diabo que havia escrito entre 1956 e 1957 e o publica como uma resposta a Guimarães Rosa, mencionando-o no prefácio (LADUSÃNS, 1976, p.503)

⁵ FLUSSER, Vilém. Bodenlos: uma autobiografia filosófica, p. 151

⁶ LADUSÃNS, Stanislau (org.). Rumos da filosofia atual no Brasil: em auto-retratos, p. 501-2

⁷ BERNARDO, Gustavo. A dúvida de Flusser: filosofia e literatura, p. 12

construção. Isso significa que o filósofo não apenas discorda da adequação entre palavra e coisa, mas também desconstrói a própria ideia de coisa. Se a língua cria a palavra e ao criar a palavra, cria a realidade, então o que é tradicionalmente compreendido como “coisa” desaparece, visto que a “coisa” se transforma na própria palavra, ou seja, o mundo é uma criação ficcional⁸ de nossos intelectos⁹. É devido a essa formulação que Flusser diz que a ficção é realidade e a realidade é ficção¹⁰. Portanto, se está correta a afirmação de Hans Blumenberg de que teoria da literatura deve não somente suspeitar da adequação entre palavra e coisa, mas da própria coisa¹¹, então a ontologia flusseriana é instrumento efetivo para pensar a literatura.

A epistemologia de Vilém Flusser consiste na utilização da fenomenologia enquanto método para garantir a dessubstancialização da palavra. A suspensão do juízo é uma atitude consciente de lutar contra o conservadorismo do intelecto, contra a tentativa de manutenção de suas crenças. Ela é uma tarefa quase impossível, visto que exige enganar o intelecto para abrir o espaço da dúvida¹². Logo, o método fenomenológico flusseriano conjuga a *epoché* husserliana com a dúvida de Descartes, para contrapor o idealismo inerente a ambas proposições. O resultado dessa somatória é a construção de um modelo de análise relacional. Ao dessubstancializar a palavra, o que Flusser encontra é o outro¹³. Assim, a epistemologia flusseriana é uma forma de compreender a intersubjetividade e de pensar a partir de pontos de vista. Ao compreendermos a realidade como ficção, o método fenomenológico mostra-se como condição *sine qua non* da epistemologia, pois se o mundo é construído por uma pluralidade de ficções, a tarefa de buscar a teoria no objeto, ou seja, de compreender o fenômeno a partir de sua própria ficção, se apresenta como uma necessidade. Portanto, se está correta a afirmação de Benedito Nunes, de que “(...) é com a fenomenologia que a filosofia volta a se aproximar da poesia”¹⁴, então a epistemologia flusseriana é um instrumento tão efetivo para pensar a literatura quanto sua ontologia.

Para Flusser, um texto literário representa a articulação de um intelecto na conversação que denominamos de civilização. Quando o texto se torna parte dessa conversação ele possui duas características: encerra a conversação precedente e origina uma outra. Encerra, pois projeta respostas a problemas colocados anteriormente, os quais direta ou indiretamente, lhe deram origem. E origina visto que provoca novas conversações, insere o impensável no universo do pensável¹⁵. É o caráter poético, no sentido de *poiseis*, ou seja, aquele que produz algo, que põe, que articula o inarticulado, criação de língua, pois criação de novos significados, de

⁸ A base da ontologia flusseriana se assemelha ao problema da representação em Kant, no entanto, Flusser radicaliza a posição kantiana com o objetivo de romper com o idealismo. Propõe uma ontologia pluralista e relacional, em que a ideia de universalidade não faz sentido.

⁹ FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004, cap. 1

¹⁰ FLUSSER, Vilém. “Da ficção”, s/p

¹¹ Apud BERNARDO, Gustavo. *A dúvida de Flusser: filosofia e literatura*, p. 13

¹² BERNARDO, Gustavo; MENDES, Ricardo. *Vilém Flusser no Brasil*, p. 83

¹³ FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 154-5

¹⁴ BERNARDO, Gustavo. *A dúvida de Flusser: filosofia e literatura*, p. 13

¹⁵ FLUSSER, Vilém. *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*, p. 69

novos modos de ver e pensar. Nas palavras de George Elliot: “*Speech is but broken light upon the depth of the unspoken*”¹⁶. Assim, a poesia é uma manipulação consciente das palavras com objetivo estético¹⁷. Sendo que essa manipulação é marcada pela originalidade, pela articulação de algo novo, pela criação de realidade. Em uma aula sobre poesia, Flusser explica:

A minha tese é, para dizer ela de chofre: os poetas são os criadores de todas as regras, não somente das regras da cultura, mas também as da natureza. Neste sentido são os poetas também criadores da natureza. Para chocar um pouco os seus ouvidos, direi que as pedras caem em obediência à lei da gravidade, porque uma intuição poética assim as tem regulado. E esta é a função da poesia no conjunto das atividades humanas: fazer com que as pedras caiam como caem¹⁸

Tendo em vista sua compreensão da poesia, Flusser propõe duas formas de analisar a literatura: pela vivência ativa, ou seja, pela escrita e pela vivência passiva, isto é, pela leitura. É importante ressaltar que sua análise da literatura, não é uma análise do que foi escrito, mas da vivência do que foi escrito, seja do ponto de vista do leitor ou do ponto de vista do escritor. A vivência do escritor é vivência do absurdo da realidade, pois vivência da necessidade de criar sentido para o mundo¹⁹. A obra roseana expressa essa tentativa. Todavia, essa vivência é frustrada na medida em que o resultado, ou seja, o texto escrito é sempre uma sombra longínqua daquilo que ele poderia ter sido²⁰. Flusser mostra que Guimarães Rosa quando escrevia era um eterno frustrado. Ao ler, para o filósofo, um texto recentemente escrito se defendia de um crítico invisível. Por mais belo que fosse, a sensação de insatisfação preponderava. Já a vivência passiva, a da leitura de um texto literário, poético, é uma atividade existencial que Flusser qualifica como apaixonante²¹. Ela se dá pelo arrebatamento do leitor com o texto. Esse arrebatamento não acontece com a totalidade do texto, mas com trechos que geram uma vivência no leitor que torna a atividade da leitura fascinante. Apesar de passiva, a leitura gera abertura para o novo criado pela literatura. Se a poesia cria novas formas de ver, a leitura amplia o modo de perceber o mundo.

Nessa perspectiva, a crítica literária é a tentativa, também frustrada, de realizar o diálogo entre a mente criadora do texto e a mente leitora do texto. É frustrada pois

¹⁶ NA. Trecho do poema *The Spanish Gypsy* citado e traduzido por Flusser como: “a língua não passa de luz rompida por sobre as profundezas do inarticulado”. FLUSSER, Vilém. *Lingua e realidade*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004, p. 144

¹⁷ FLUSSER, Vilém. “Aula Na Poesia I do curso Influência do Pensamento existencial sobre a atualidade”, p. 6

¹⁸ FLUSSER, Vilém. “Aula Na Poesia II do curso Influência do Pensamento existencial sobre a atualidade”, p. 2

¹⁹ O momento da criação artística é o momento do quase-simbólico, da articulação do inarticulado e definir esse momento é quase impossível, no entanto isso não impede Flusser de tentar (BERNARDO, 2002, p.253).

²⁰ FLUSSER, Vilém. “Aula sobre fenomenologia da literatura do curso Influência do Pensamento existencial sobre a atualidade”.

²¹ FLUSSER, Vilém. “Aula sobre fenomenologia da literatura do curso Influência do Pensamento existencial sobre a atualidade”.

a incomunicabilidade fundamental da poesia faz com que nenhuma leitura seja capaz de esgotá-la. No entanto, a tentativa de elaboração do incomunicável é atividade contra a morte daquilo que foi escrito²². Para driblar essa situação, Flusser estabelece duas possibilidades de apreciação do texto: por compreensão ou por enfrentamento. A compreensão é a estratégia necessária para analisar o texto do ponto de vista do encerramento de uma conversação precedente. Se o texto projeta respostas é preciso compreender quais respostas são essas e a qual conversação ela se refere. Exige análise que projete sínteses para as provocações que a deram origem. Essa é uma atitude crítica por excelência. Já o enfrentamento é exigido para analisar a conversação originada pela obra literária, visto que atua como uma provocação. Ela provoca o leitor a enfrentar o desafio que coloca com sua existência. E, por isso, exige “decodificação” da articulação de questões, problemas, pontos de vista e etc. até então inexistentes. É uma atitude especulativa frente ao texto²³. Obviamente, Flusser não propõe que uma atitude se abstenha da outra. A crítica leva a uma vivência da obra e a especulação provoca curiosidade em relação a ela. No entanto, cada leitor tende a uma delas, prefere uma delas. A opção de Flusser é pela especulação²⁴.

A especulação filosófica que resulta em construção de ficções é o que caracteriza a aproximação de Flusser da obra de Guimarães Rosa. Ele quer mostrar de que modo a obra do escritor provoca a conversação das teses que trabalha em seu primeiro livro publicado em português “Língua e Realidade”. Nele se encontra sua ontologia e epistemologia. Em sua autobiografia filosófica, Flusser diz que esse livro teve pelo menos um leitor verdadeiramente comovido: Guimarães Rosa²⁵. O motivo dessa comoção é, segundo o filósofo, a proximidade vivencial dessa tese em ambos.

Pois tal tese, que a gente não tinha apenas elaborado especulativamente, mas sofrido na práxis do pensar e do escrever, coincidia com a experiência roseana, e tornava consciente para ele muito daquilo que até então se abrigava na penumbra da sublimaridade²⁶.

Apesar de concordarem com a tese principal, discordavam do modo como ela se apresentava em sua *práxis* individual, para Flusser a fenomenologia da língua tem como origem o ritmo da fala e a visualidade da escrita, enquanto, na visão do filósofo, para Rosa o problema era melódico, ele não era um escritor, mas um contador de estórias. Assim, faz um uso subversivo da língua²⁷.

O português ressurgiu do seu sono de duas direções absurdamente incongruentes: do sertão e das bibliotecas. É como se tivessem guardado a língua de Cícero e de Camões simultaneamente em estufa e em geladeira para conservá-la. No

22 FLUSSER, Vilém. “Aula Na Poesia I do curso Influência do Pensamento existencial sobre a atualidade”, p. 6

23 FLUSSER, Vilém. Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade, p. 69

24 FLUSSER, Vilém. Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade, p. 70

25 FLUSSER, Vilém. Bodenlos: uma autobiografia filosófica, p. 135

26 FLUSSER, Vilém. Bodenlos: uma autobiografia filosófica, p. 136

27 FLUSSER, Vilém. Bodenlos: uma autobiografia filosófica, p. 136

sertão o português retomou contato com a natureza bruta e, com a assistência de elementos índios e bantus, ensaiou como que uma terceira primitividade. Nas bibliotecas iniciou o português essa dança formalista em redor de si mesmo, esse minuete narcisista que o caracterizava até um passado recentíssimo e que resultou na maré dos estudos gramaticais e retóricos, sinais da esterilidade. Agora os dois braços do rio português estão convergindo, tendo à margem direita os campos gerais do pseudoprimitivismo, à margem esquerda a Serra do Preciosismo, e, à terceira margem do rio, Guimarães Rosa”²⁸.

Tendo a melodia como objetivo, a língua “criada” por Rosa explora novos campos de significado. Ele usa a palavra contra a sentença e a sentença contra a palavra, tornando a língua autoconsciente de si²⁹. Isso é o que Flusser chama de estilo em Guimarães Rosa e que ele analisa do ponto de vista da visualidade, ou da pontuação; e da formalidade, ou da sintaxe. A pontuação é, nesse sentido, um elemento visual que interrompe a frase gerando resultado musical. São ideogramas que servem para estruturar melodicamente o texto, como na frase do Grande Sertão: “Amor desse, cresce primeiro; brota é depois”³⁰, ou no trecho “Ah, eu pudesse mesmo gostar dele – os gostares...”³¹. Geralmente não estamos conscientes dessa característica da pontuação, pois seu uso corriqueiro esconde essa função. O que a prosa roseana faz é romper com a expectativa³². O uso inusitado da pontuação é um método de acessar o nada do qual brota a língua.

As gavetas de sua escrivaninha estão cheias de papéis nos quais anota palavras exóticas, regras de línguas exóticas, e pesca esses papéis no curso do seu trabalho. Cria conscientemente palavras e formas. O momento gráfico da sua obra é conscientemente utilizado. Notem, por exemplo, o : no título “Grande Sertão: Veredas”³³.

Essa característica da prosa roseana explora a intermedialidade da escrita, desconstruindo sua compreensão tradicional enquanto forma de arte apenas discursiva. Rosa explora, por meio do texto escrito, os sentidos da visão e da escuta, traz à tona a qualidade pictórica do texto como forma de trabalhar sua qualidade musical³⁴.

²⁸ FLUSSER, Vilém. Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade, p. 157-8

²⁹ FLUSSER, Vilém. Bodenlos: uma autobiografia filosófica, p. 137

³⁰ ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas, p. 123

³¹ ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas, p. 53

³² FLUSSER, Vilém. “Estilo de Guimarães Rosa”, p.1

³³ FLUSSER, Vilém. “Aula Na Poesia II do curso Influência do Pensamento existencial sobre a atualidade”, p. 4

³⁴ “A força simbólica da língua, o significado das palavras e a ação ordenadora das frases são, para Guimarães Rosa, aspectos existencialmente secundários, e a eles se sujeita “*malgré lui*”, forçado a isto pela razão discursiva. O que o empolga é o aspecto músico e musical, a dureza e a moleza, suavidade e a rispidez, a brutalidade e a meiguice das palavras” in Vilém Flusser, Língua e Poesia em Guimarães Rosa, p. 1

Assim como a pontuação, a sintaxe, segunda característica do estilo roseano, é organizada por regras e pelo uso corriqueiro. O que o escritor faz é desprezar a regra. Isso pode ser visto na frase: “(...) me gelei de não poder palavra”³⁵. Logicamente essa frase seria considerada falsa, não-significativa, pois não há correspondência entre frase e realidade. Todavia, do ponto de vista da ontologia não-substancialista de Vilém Flusser, as frases de Rosa se tornam, ao subverter a estrutura da língua, mais significativas que as da linguagem comum. Elas não são tão distantes do uso comum a ponto de gerar incompreensibilidade, então o que fazem é enriquecer o tecido da língua³⁶. O trecho: “Já tenteou sofrido o ar que é saudade?”³⁷ cria, pelo uso inusitado do verbo tentar e sua associação com uma sensação trabalhada no âmbito físico e metafísico, uma atmosfera de saudade naquele que lê, a qual pode ser vivenciada pela leitura do texto. Para Flusser, o uso revolucionário da estrutura da frase é feito pela aplicação do método fenomenológico para garantir a distância irônica necessária para a poesia³⁸.

É nesse sentido que ele afirma ser o diabo contra o qual luta Riobaldo no “Grande Sertão” a intelectualização da língua. A luta de Riobaldo é luta contra o intelecto fechado em si mesmo, luta contra a falta de fundamento da existência³⁹. O diabo é a representação do Nada que está por traz de todas as coisas, ou seja, “o diabo é que o diabo não existe”⁴⁰. O esforço de Guimarães é contra a língua do modo como a conhecemos, é o esforço de articular o inarticulável⁴¹. Assim, a subversão da *Gestalt* da escrita do português tornou sua obra fundamental para os concretistas⁴², se entendemos o concretismo como esforço consciente de subversão da língua⁴³. É nesse sentido que Flusser percebe Rosa não como um romancista ou um contista, mas como poeta.

No entanto, Flusser não apenas elogia o escritor, para o filósofo, a musicalidade de seus textos, assim como seus neologismos flertam, muitas vezes, com um abandono fácil à característica melódica da língua portuguesa ou com a construção de jogos de palavras simplórios⁴⁴. Seu exemplo é o título do livro Sagarana. Se investigada a etimologia das palavras que lhe dão origem no alemão seria possível uma metáfora mais profunda do que a beleza vazia resultante do português: “vários mitos”⁴⁵. Por isso mesmo, considera a brasilidade da obra roseana como a menos importante de suas características. Essa adquire importância apenas quando triangulada com o problema da língua e as tendências do romance mundial, que levam à análise da

³⁵ ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas, p. 76

³⁶ FLUSSER, Vilém. “Estilo de Guimarães Rosa”, p.1

³⁷ ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas, p. 34

³⁸ FLUSSER, Vilém. “Estilo de Guimarães Rosa”, p.2

³⁹ “(...) aquele vácuo, aquela carência, aquela falta de fundamento chamada “*Bodenlosigkeit*” que é chamado, miticamente, o diabo” Vilém Flusser, O mito em Guimarães Rosa, p. 1.

⁴⁰ FLUSSER, Vilém. “O mito em Guimarães Rosa”, p.1

⁴¹ FLUSSER, Vilém. Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade, p. 159-160

⁴² FLUSSER, Vilém. Bodenlos: uma autobiografia filosófica, p. 136

⁴³ Para Flusser o concretismo é crítica ao foco no caráter discursivo do texto fruto do abandono da elaboração da coisa física a ser lida após a invenção da prensa de Gutenberg. Ver: Pretextos para Poesia, p.1.

⁴⁴ FLUSSER, Vilém. Bodenlos: uma autobiografia filosófica, p. 136

⁴⁵ FLUSSER, Vilém. Bodenlos: uma autobiografia filosófica, p. 137

influência do escritor nesse cenário. Para o filósofo o problema da brasilidade isolado transforma Rosa em um “autor regional”, ou seja, encobre a qualidade universal de seu trabalho, o que é bastante nocivo se considerarmos a dificuldade de traduzi-lo.

Fundamentalmente Rosa é intraduzível, porque ele é a própria língua portuguesa em revolta contra si mesma. Ele é traduzível no nível semântico, mas apenas com respeito aos significados superficiais das palavras. Tais traduções resultam em reproduções do lado anedótico de Rosa (uma espécie de regionalista exótico e tropicalizante). Mas é possível recriar Rosa ao nível da língua para a qual está sendo traduzido⁴⁶.

O problema de traduzir os textos do escritor é a expressão da teoria da tradução de Flusser. Para ele as traduções são recriações em universos de pensamento diferentes. O exercício da recriação de seus próprios textos foi atividade constante até o fim de sua vida. É bastante raro encontrar um texto seu que possua apenas uma versão. Quando digo versão, me refiro ao caráter criativo inerente ao trabalho com cada realidade linguística em que arvorava penetrar. Os textos são estruturalmente diferentes, pois as línguas o são. Flusser chegou a discutir o problema da tradução dos textos do escritor, sugeriu, inclusive, traduções para expressões do Grande Sertão quando foram traduzidas para o alemão⁴⁷, as quais foram rejeitadas.

Uma segunda consequência possível do problema da brasilidade é a da comparação entre o Brasil das páginas de Rosa e o Brasil dos últimos cinquenta anos. Para o filósofo, a disparidade entre os dois cenários tende a classificá-lo como um “autor do passado”, aquele que remonta um Brasil que já não existe⁴⁸. Flusser afirma que essas questões se encontram em muitas das análises da obra do autor, e são corroboradas por traduções como a realizada para o inglês, que transforma Riobaldo em um personagem de faroeste⁴⁹. Generalizadamente, é possível ver Riobaldo somente como um personagem que fala e conta histórias como um mineiro do interior, além de ser um jagunço. Retirando apenas essas características, a proximidade com os *cowboys* parece enorme. Esse tipo de leitura não se resume ao senso comum, visto que ela aparece em uma crítica feita por Frederic Jamenson⁵⁰ do “Grande Sertão: Veredas”⁵¹.

Logo, a análise flusseriana da obra do escritor inter-relaciona os três assuntos supracitados: a brasilidade, o problema da língua e as tendências do romance mundial. A brasilidade é parte integrante do caráter subversivo da obra de Rosa, não uma característica isolada. Sua obra é subversiva no uso da língua e no modo

⁴⁶ FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 140

⁴⁷ “Por exemplo, o título Grande Sertão: veredas pode ser traduzido por *Grosses Holz & Holzwege* para um alemão roseanizado” (FLUSSER, 2007, p. 140).

⁴⁸ FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 130-1

⁴⁹ O título em inglês é *The devil to pay in the backlands*.

⁵⁰ “*That curious Brazilian ‘high literary’ variant of the Western*” (JAMENSON in BERNARDO, 2002, p. 255)

⁵¹ BERNARDO, Gustavo. *A dúvida de Flusser: filosofia e literatura*, p. 255

de construção do pensamento. “Rosa representava uma revolução no pensamento brasileiro, no sentido de revelar um aspecto brasileiro significativo universalmente, mas que o chamado “desenvolvimentismo” tende a eliminar progressivamente”⁵². É nesse sentido que o sertão é uma espécie de “pretexto” para Rosa, assim como a cidade de Praga é o “pretexto” de Kafka e os campos russos o “pretexto” de Tolstói⁵³. Flusser enxerga a obra de Rosa como uma espécie de fenomenologia do brasileiro, visto que projeta vários pontos de vista possíveis especulativamente, além de remover as camadas explicativas alcançando o fenômeno. O sertão é a expressão de uma *epoché* existencial do brasileiro.

Assim, Flusser aproxima a experiência com o sertão de Rosa à experiência do sublime em Kant. Ele traz à tona a incomensurabilidade do sertão, a sua desmedida. As dimensões mostradas por Rosa não são passíveis de medição. Sua Geografia não é a geografia da disciplina científica, é a geografia da construção poética. Ao ler Rosa, as dimensões humanas desaparecem, somos engolidos pela grandiosidade, pela onipotência e onipresença do sertão. Se para Kant a experiência do sublime é a experiência da incapacidade de a imaginação dar forma a uma experiência, o sertão de Rosa nela se enquadra. No entanto, para Flusser, ao contrário do proposto por Kant, a vivência da falta de medida em Rosa não leva ao sentimento do sublime, apenas tem sua estrutura. Ela leva à conscientização acerca da falta de fundamento do mundo, à experiência do absurdo⁵⁴. Isso porque é impossível se habituar ao sertão. A geografia do sertão é metafísica e teológica, é espaço do ser abandonado⁵⁵.

Assim, o sertão é uma metáfora da existência absurda do ser humano. Somos jogados em um mundo sem sentido, no qual não sabemos de onde viemos ou para onde vamos. No sertão essa incerteza é patente. Para o filósofo, a vivência da “civilização” na “história” encobre essa compreensão. As explicações e as ideologias que nos cercam e que constituem o nosso estar no mundo impedem que vejamos isso claramente. No entanto, os personagens de Rosa vivem essa condição fundamental humana, a qual ele chama de vida mítica⁵⁶. São existências desenraizadas do mundo e em busca do outro, elas se encontram “nonada”. O termo que inicia o Grande Sertão tem, para o filósofo, origem existencial, é o não ao nada. É afirmação por dupla negação e, por isso, negação das análises heideggeriana e sartriana do nada⁵⁷.

Assim como a Geografia roseana é poética, sua estória não é histórica. Sua narrativa rompe com a linearidade do discurso tanto sintática quanto semanticamente. O sertão é uma construção geográfica a-histórica, onde a vivência do mito torna esse lugar não localizável espaço-temporalmente. “Não ocorre ao leitor perguntar pela data de nascimento de Riobaldo, como não lhe ocorre perguntar pelo dia do aniversário de Branca de Neve”⁵⁸. É nesse sentido que a obra de Guimarães discute

⁵² FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 131

⁵³ FLUSSER, Vilém. “Pretextos para poesia”, p.2

⁵⁴ FLUSSER, Vilém. “Guimarães Rosa e a geografia”, p. 2

⁵⁵ FLUSSER, Vilém. “Guimarães Rosa e a geografia”, p. 3

⁵⁶ FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 133

⁵⁷ FLUSSER, Vilém. *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*, p. 159

⁵⁸ FLUSSER, Vilém. “Guimarães Rosa e a geografia”, p. 1

com o a teoria do romance. Flusser entende a história recente do romance como uma tendência ao realismo. Esta encontra na França do final do século XIX o seu ápice. É somente com Joyce e Kafka que a tendência de, nas palavras do filósofo, “reepicizar” o romance retorna. “Reepicizar” no sentido de torna-lo novamente *épos*, ou seja, de voltar a ser um dizer inspirado pelas musas⁵⁹. Guimarães Rosa é um espectador desse cenário e se encontra em situação privilegiada, está, ao mesmo tempo, em contato com o caráter mítico da vida no interior de Minas e com a discussão literária que caracterizam o Ocidente. “De modo que as “estórias” roseanas são síntese épica do monólogo mineiro e da reformulação existencial do romance (...)”⁶⁰. Guimarães Rosa cria um curto circuito na língua ao mesclar a linguagem popular e a linguagem erudita, ao mesclar sua profunda admiração por James Joyce e pelo modo como popularmente a língua é construída. Rosa busca na teia da língua as malhas da saída para a não língua⁶¹.

Por isso, para Flusser, ao explorar estórias a-históricas⁶² Rosa propõe uma solução possível para a crise do romance. A ideia de um autor onisciente que manipula os acontecimentos é inaceitável, tanto nas estórias de Rosa como na atualidade. Riobaldo, o narrador de “Grande Sertão”, é vivencialmente um dos personagens que estão jogados, lançados em um universo misterioso. Ele ignora o seu destino⁶³. O Sertão mineiro é o palco da luta do espírito humano contra o diabo⁶⁴. Portanto, Rosa efetua a reaproximação do romance com o inarticulado que lhe dá origem.

É nesse contexto que as dimensões ética e religiosa envolvem a prosa Roseana. Esta se dá em contexto religioso⁶⁵, demonstra o engajamento intelectual e espiritual do autor, sua luta com o diabo. Do ponto de vista da ontologia flusseriana, o dilema de Rosa é o da escolha entre arte ou prece, ou seja, entre criação e adoração. É dilema de engajamento, de condenação à escolha, de expressão de liberdade⁶⁶. Flusser entende religiosidade como uma relação de adoração, de reverência ao nada, como algo que garante a não-obviedade do mundo, que faz com que o universo do incompreensível, do incomensurável exista no mundo. Assim, o caráter sacro de algo está relacionado com o caráter simbólico das coisas do mundo, e conseqüentemente, com seu caráter *poiético*. A obra de Rosa traz à tona o mistério, o transcendente, que para Flusser não é institucionalizado. No entanto o que Flusser entende por religiosidade é diferente daquilo que Rosa entende. A religiosidade para Flusser está no fundamento não articulado da criação poética, está na vivência do inexplicável que não impede a consciência de que ele pode ser aproximável. Nesse sentido, a obra de Rosa é “uma única e gigantesca prece. Um

⁵⁹ FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 134

⁶⁰ FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 135

⁶¹ LADUSÂNS, Stanislaw (org.). *Rumos da filosofia atual no Brasil: em auto-retratos*, p. 503

⁶² “(...) a insistência de Guimarães Rosa em dizer “estória”, e não “história”, sugere sua oposição deliberada ao historicismo. De forma que o universo roseano é a-histórico no sentido de “pós-histórico” (e não “pré-histórico), e sua coincidência com o universo do sertanejo é mais pretexto que realidade” FLUSSER, Vilém. “Guimarães Rosa e a geografia”, p. 2

⁶³ FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 131

⁶⁴ FLUSSER, Vilém. “Invenção narrativa de Guimarães Rosa”, p. 2

⁶⁵ FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 154

⁶⁶ FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 152.

saber perpétuo da limitação da competência humana”⁶⁷. É a vivência do inexplicável enquanto criação humana, é transcendência na medida em que transcende a realidade da língua portuguesa em busca de novos significados. Todavia, a relação de Rosa com a língua era diferente. Se Flusser está correto e ele recria o *épos* no romance contemporâneo, o texto aparece como expressão do sagrado, enquanto tentativa de aproximação do divino. É isso que Guimarães Rosa diz ao comentar sobre Flusser em uma carta a Curt Meyer-Clason (tradutor de suas obras para o alemão):

Quanto ao Flusser, ele é culto e entusiasmado, e lúcido e arguto. MAS é também “intelectual” demais. Descobre coisas em meus textos, que vê bem, mas está ele mesmo possuído por suas próprias teses, em matéria de língua e linguagem, e se apaixonou por elas. Não tenho as intenções que ele me atribui, de maneira alguma. A língua, para mim, é instrumento: fino, hábil, agudo, abarcável, penetrável, sempre perfectível, etc. Mas sempre a serviço do homem e de Deus, do homem de Deus, da Transcendência. Exatamente como o Amigo Entendeu, senti e compreendeu⁶⁸.

Apesar de o escritor pressupor a poesia como instrumento de relacionamento com o divino, o filósofo aponta uma ambiguidade entre o que ele entende por poesia e o que ele faz em poesia. Apesar do escritor compreender a língua “como algo que tem a ver com a ordem espiritual que rege a realidade, e a poesia é essa língua catada no instante do seu surgir das profundezas pré-rationais dessa realidade”⁶⁹, Flusser aponta que o seu fazer poético cancela a sua teoria. A forma do misticismo plotinico de Rosa aparece na manipulação lúdica da língua.

Toda obra de [Guimarães Rosa] é, no fundo, uma luta desesperada entre uma teoria especulativa e religiosa otimista, constantemente desautenticada pela sensibilidade poética que revela o diabo. (...) No fundo [Guimarães Rosa] é um São Jorge que não consegue matar o dragão, porque o dragão tem mil línguas e [Rosa] está fascinado por cada uma dessas línguas⁷⁰.

Não é que Flusser não compreendesse a relação de Rosa com o místico, mas que ele não aceitasse essa fé, visto que a crença de Rosa em seu texto é fé na sua própria criação. É fé que recusa o duvidar, que recusa a consciência da criação de realidade. É fé que faz com que se perceba como mensageiro do essencial e verdadeiro que chamamos de divino. Todavia, Flusser afirma que Rosa não era cristão e isso transformava o seu curioso plotinismo em maniqueísmo impiedoso. “A sua “alma era um *pneuma* des cristianizado. E tal foi o tema fundamental da sua obra: um *pneuma* que ele sabia ser o diabo”⁷¹.

⁶⁷ FLUSSER, Vilém. “Autor e a imortalidade: João Guimarães Rosa”, s/p

⁶⁸ Cópia da carta datilografada de Guimarães Rosa datada de 27 de agosto de 1967.

⁶⁹ FLUSSER, Vilém. “Língua e poesia em Guimarães Rosa”, p.1

⁷⁰ FLUSSER, Vilém. “O mito em Guimarães Rosa”, p.1

⁷¹ FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, p. 141.

Portanto, Flusser entende a obra roseana como uma provocação e uma evocação do diabo com objetivo de transpô-lo. Está aí a beleza do mito de Rosa. É nesse sentido que sua obra representa, para Flusser a expressão em um outro *medium* de sua própria ontologia linguística. Em outro *medium*, pois, a mesma coisa pode ser dita em *media* diferentes, no entanto ela se modifica, visto que o modo como se diz muda aquilo que é dito⁷². Essa é a base da teoria da tradução flusseriana, e o ponto de incompatibilidade entre ambos. Essa incompatibilidade é fruto da alternativa flusseriana pelo método especulativo de análise crítica da literatura. Tendo em vista que especular é, nesse sentido, a articulação de questões possíveis a partir da experiência com o texto literário. A análise do filósofo se projeta para além do texto. Ela sonda as possibilidades na teia de sentidos que circunda uma obra literária. Por isso, a fala de Rosa sobre Flusser é coerente. Ele constrói ficções a partir da ficção. Ele costura mais um pedaço da colcha de retalhos que é a realidade. É nesse sentido que sua análise é tanto uma exemplificação de suas teses sobre ontologia e epistemologia, como uma análise crítica especulativa da obra de Guimarães Rosa. Como diz Gabriela Reinaldo:

Mas o que os leitores de Rosa teriam a ganhar com a mirada de Flusser? Um olhar perscrutador, agudo e autenticamente curioso sobre a obra Roseana. Um intelectual que não apenas leu, mas alguém que conviveu com Guimarães Rosa e pode dizer de Rosa a partir dessa vivência – apesar de suas impressões nem sempre estarem de acordo com outros testemunhos da existência, do comportamento e do pensamento de Guimarães Rosa. E mesmo que não concordemos com o que ele propõe como interpretação (eu particularmente, não faço eco a várias de suas análises), é preciso reconhecer que Flusser, ao contrário de boa parte da fortuna crítica Roseana, desconfia do que o autor diz sobre si mesmo e põe em dúvida a sinceridade do seu autor preferido. Esta lição precisa ser aprendida⁷³

BIBLIOGRAFIA:

- BERNARDO, Gustavo. **A dúvida de Flusser: filosofia e literatura**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2002.
- BERNARDO, Gustavo. **A ficção de Deus**. São Paulo: Annablume, 2014.
- BERNARDO, Gustavo (org.). **A filosofia da ficção de Vilém Flusser**. São Paulo: Annablume; Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2011.
- BERNARDO, Gustavo; MENDES, Ricardo. **Vilém Flusser no Brasil**. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2000
- COSTA, Murilo Jardelino da (org.). **A festa da língua: Vilém Flusser**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2010

⁷² “A razão profunda é a corrente majestosa da língua portuguesa, contra a qual ambos nadamos, embora ele o faça de maneira gloriosamente produtiva, e eu de maneira modestamente fragmentadora” (FLUSSER, 2002, p. 156)

⁷³ REINALDO, Gabriela. “Flusser e o ser do sertão – algumas notas sobre Guimarães Rosa”, p. 79.

- FLUSSER, Vilém. **A história do diabo**. São Paulo: Annablume, 2005.
- FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 2002.
- FLUSSER, Vilém. **Lingua e realidade**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- FLUSSER, Vilém. **Bodenlos**: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007.
- FLUSSER, Vilém. “Da ficção”. O DIÁRIO, 26.08.66. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art2.html>. Acessado em: 12/06/2017
- FLUSSER, Vilém. “Aula sobre fenomenologia da literatura do curso Influência do Pensamento existencial sobre a atualidade”. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/aula11.pdf>. Acessado em: 12/06/2017
- FLUSSER, Vilém. “Aula Na Poesia I do curso Influência do Pensamento existencial sobre a atualidade”. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/aula13.pdf>. Acessado em: 12/06/2017
- FLUSSER, Vilém. “Aula Na Poesia II do curso Influência do Pensamento existencial sobre a atualidade”. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/aula14.pdf>. Acessado em: 12/06/2017
- FLUSSER, Vilém. “Poesia e verso”. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art36.html>. Acessado em: 12/06/2017
- FLUSSER, Vilém. “Lingua e poesia em Guimarães Rosa”. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art161.pdf>. Acessado em: 12/06/2017
- FLUSSER, Vilém. “Pretextos para poesia”. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art497.pdf>. Acessado em: 12/06/2017
- FLUSSER, Vilém. “Alguns problemas atuais em poesia”. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art142.pdf>. Acessado em: 12/06/2017
- FLUSSER, Vilém. “Estilo de Guimarães Rosa”. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art19.html>. Acessado em: 12/06/2017
- FLUSSER, Vilém. “Invenção narrativa de Guimarães Rosa”. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art225.pdf>. Acessado em: 12/06/2017
- FLUSSER, Vilém. “O mito em Guimarães Rosa”. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art423.pdf>. Acessado em: 12/06/2017
- FLUSSER, Vilém. “Autor e a imortalidade: João Guimarães Rosa”. SUPLEMENTO LITERÁRIO, OESP, (554): 1, 25.11.67.
- FLUSSER, Vilém. “Guimarães Rosa e a geografia”. COMENTÁRIO, X, v.10 (3/39): 275-278, jul/set.1969
- LADUSÃNS, Stanislaw (org.). **Rumos da filosofia atual no Brasil: em autorretratos**. São Paulo: Loyola, 1976.
- REINALDO, Gabriela. “Flusser e o ser do sertão – algumas notas sobre Guimarães Rosa”. In: BRAYNER, André (org.). **Vilém Flusser: Filosofia do desenraizamento**. Porto Alegre: Clarinete, 2015.
- ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SERRA, Alice Mara; DUARTE, Rodrigo A. de Paiva; FREITAS, Romero Alves.
Imagem, imaginação, fantasia: vinte anos sem Vilém Flusser. Belo Horizonte: Relicário, 2014.